

ARTIGO

***O lagarto: "uma história de fadas"* contada nas palavras de Saramago e na xilogravura de J. Borges**

*The lizard: "a fairy story" told in the words of
Saramago and in the woodcut by J. Borges*

Naelza de Araújo Wanderley 

Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, PB, Brasil.
E-mail: naelzanobrega@gmail.com

RESUMO: A escrita de Saramago direcionada para o público infantil explicita-se apenas em *A maior flor do mundo*. Entretanto, a republicação da obra *O lagarto*, através do suporte livro com ilustrações, reinterpreta essa narrativa ao público leitor de forma que as palavras de Saramago e as xilogravuras de J. Borges recontem essa história de fadas, aproximando-a definitivamente também do universo infantil e juvenil. Dessa forma, este artigo tem como objetivo observar como as narrativas, a verbal e a verbovisual, desenvolvem-se no livro *O lagarto* estabelecendo, através da relação palavra-imagem, não somente o diálogo, mas também a complementação e até mesmo a ampliação de sentidos dos textos em cada leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Livro com ilustrações, História de fadas, Xilografia, Republicação, Leitores.

ABSTRACT: Saramago's writing aimed at children is only made explicit in *The biggest flower in the world*. However, the republication of the work *The lizard*, through the book with illustrations support, re-presents this narrative to the reading public in a way that the words of Saramago and the woodcuts of J. Borges retell this fairy story, bringing it definitely closer to the universe of children and juvenile. Thus, this article aims to observe how the verbal and verbal-visual narratives are developed in the book *The lizard*, establishing, through the word-image relationship, not only the dialogue but also the complementation and even the expansion of meanings of the texts in each reading.

KEYWORDS: Book with illustrations, Fairy story, Xylography, Republication, Readers.

COMO CITAR

WANDERLEY, Naelza de Araújo. *O lagarto: "uma história de fadas" contada nas palavras de Saramago e na xilogravura de J. Borges*. *Revista da Anpoll*, v.53, n.3, p. 129-142, 2022. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i3.1810>



Introdução

Publicado inicialmente como crônica em um jornal português, o texto de *O lagarto*, do escritor português José Saramago, foi republicado, ainda identificado como crônica, em 1973, no livro *A bagagem do viajante*. Entretanto, a editora Companhia das Letrinhas vai apresentar essa narrativa aos leitores brasileiros como conto, uma denominação mais próxima daquela que aparece já nas primeiras palavras do texto, quando o autor anuncia aos leitores que o que vai contar é “uma história de fadas”, mesmo que ninguém acredite mais em fadas.

Esse texto é republicado em 2016, seis anos após a morte do autor. As palavras de Saramago e as ilustrações de J. Borges apresentam ao leitor uma obra verbovisual, sob a forma de “um livro com ilustrações” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011), uma vez que o texto verbal existe de forma independente no que se refere à relação que estabelece com a “narrativa” visual elaborada a partir das xilogravuras. A republicação de *O lagarto* nesse formato acontece graças a “Um argentino radicado na Catalunha”, que “lê o texto de um autor português e o imagina-o ilustrado por um artista brasileiro.”¹ Trata-se, então, do detentor dos direitos “da obra original”, o editor Alejandro García Schnetzer.

Em entrevista à revista *Blimunda*, pouco antes do lançamento do livro em Portugal, ao ser questionado sobre o nascimento da ideia de trabalhar sobre uma crônica de Saramago e sobre o porquê de sua escolha, Schnetzer responde que, ao reler o livro *A bagagem do viajante*, anos antes, tinha reencontrado “Um lagarto maravilhoso”, “um conto curto, muito cuidado, que podia ilustrar e configurar-se numa obra aberta a novos públicos.” Assim, pareceu-lhe que esta era “uma história capaz de circular entre leitores dos 3 aos 99 anos, e que fazia sentido ilustrá-la, porque ainda se pode dizer dela, como de tantas histórias de José, que parece escrita ontem pela manhã.” (SCHNETZER, 2006, p. 74) Cabe observar que, também no texto da referida entrevista, ora o texto é tratado como crônica, ora como conto.

Ao fazer referência aos novos públicos a serem contemplados com o suporte e a apresentação atuais dados ao texto de Saramago, provavelmente, o editor tinha em mente também um público diferente daquele que, comumente, seria o leitor do volume de crônicas de *A bagagem do viajante*. Schnetzer afirma que o seu trabalho como editor tem como ponto de partida a leitura e a possibilidade de “re-significação” dos textos com a ilustração. Essa nova apresentação sugere, entre outras possibilidades, um texto que também se aproxima do universo infantil e juvenil, mesmo que, em nenhum momento do texto, haja qualquer referência explícita a esse direcionamento, como acontece em *A maior flor do mundo*, obra de Saramago escrita declaradamente para o público infantil.

De acordo com o editor, “Nenhum texto é igual quando é relido ou encarado através de uma nova apresentação”, e, nessa nova apresentação, a ilustração evidencia no texto uma re-significação da “estória” e estabelece com os leitores um diálogo inédito e com uma “profundidade diferente”, no qual “Só a leitura de cada um terá a última palavra, a única que importa, e se aconteceu ou não emoção estética.” (SCHNETZER, 2006, p. 76)

Dessa forma, acreditamos ser oportuna uma leitura da obra *O lagarto*, centrada na observação de aspectos que compõem essa nova apresentação do texto e que são referenciados pelo

¹ Introdução da entrevista concedida pelo editor à Revista *Blimunda*, n. 51, agosto de 2016.

editor como re-significadores da história de Saramago. Nessa matéria, a ilustração, enquanto narrativa visual que se materializa nas xilogravuras de José Francisco Borges, J. Borges, constitui-se importante parceria para as palavras de Saramago na contação dessa história que é apresentada ao público com o propósito de despertar, na contemporaneidade, novas leituras e novos leitores.

As palavras de Saramago e a história de “Um lagarto maravilhoso”

Já no preâmbulo da narrativa, é possível perceber a referência à cultura popular portuguesa como traço estilístico comumente presente nos textos saramagueanos. Ao trazer para o seu texto recursos como a citação de ditos e provérbios populares, o autor não somente explicita uma aproximação com a realidade que o circunda, mas também ratifica para o leitor o seu assumido papel de contador de histórias. O autor assume e desenvolve esse compromisso já nas palavras iniciais da narrativa, ao afirmar categoricamente: “De hoje não passa.” Um convite, uma sugestão, para que leitor pare e escute / leia, afinal, ele lhe devia essa “história de fadas” “há muito tempo”, mesmo que as fadas já sejam apenas “chão que deu uvas”. Uma provocação? Talvez. Até porque, ainda assim, ele resolve contar a sua história, uma vez que, apesar do riso que pode provocar nos habitantes com sua narrativa, afirma que “vá o barco à água, que o remo logo se arranjará.” Então, “A história é de fadas.” Ao comentar essa relação entre o autor Saramago e os seus leitores, Mendes (1998, p. 117) afirma que

As relações entre José Saramago e os seus leitores vêm conhecendo, a cada dia que passa, os frêmitos crescentes de uma afectividade. Não há nelas lugar para a indiferença ou, se se quiser, para um território descontaminado de sobressaltos de múltipla natureza. Antes de mais porque o ficcionista prefere a interrogação e o desafio, o lado sonogado do real, um imaginário perturbador, renunciando às lógicas concertadoras, sedimentadas num jogo de previsão dos gostos correntes. E di-lo sem tibieza: “Os escritores não têm que andar cá para tranquilizar, suponho mesmo que é nosso dever intranquilizar toda a gente.”

Assim, em *O lagarto*, Saramago constrói um tecido textual no qual se entrecruzam fios que unem tradição e cultura popular, prosa e poesia. Em uma “história de fadas”, o autor coloca diante do leitor mais atento / experiente uma de suas temáticas mais comuns, a denúncia sobre os desacertos do mundo enquanto que, ao mesmo tempo, aos olhos dos leitores mais ingênuos/inexperientes, também sugere a ideia de um animal fabuloso que, tendo como cenário de sua aparição um bairro de Lisboa, funciona como personagem articulador do universo fantástico com a realidade no interior da narrativa, que passa a integrar o universo da fantasia, comumente abraçado pela literatura e pelo público infantil e até mesmo juvenil. Assim, esse texto passa a desafiar os leitores a produzirem sentidos e significações singulares e individualizadas para essa narrativa que mexe com o imaginário, instigando e convidando-os a compreenderem a “lógica” da história que está sendo contada.

A descrição do lagarto anuncia nas palavras do narrador o vínculo estreito com a realidade que o cerca, aspecto comum ao seu texto. Assim, a fidelidade aos detalhes do réptil apresenta aos leitores um animal comum à região de Portugal em cores, aspectos e ações e, ao

mesmo tempo, em viés próximo do fantástico, sugere um animal grandioso, “soberbo”, capaz de parar tudo, de ser percebido e temido por todos, mesmo aqueles que estavam longe, sendo que, apesar de seu real tamanho, a sua descrição sugere a ideia de uma criatura monstruosa. Cabe lembrar que a figura do monstro é, de certa forma, considerada por Eco (2006) como uma criação humana, e que esta, de alguma forma, simboliza uma projeção fantástica de medos e de angústias. Assim, não por acaso, esse lagarto, ao enfrentar pessoas e automóveis, provoca nas pessoas reações tão individualizadas como fuga, disfarce e até mesmo uma busca por uma explicação clínica para a negação de um ato de covardia.

O soerguimento e a atitude desse lagarto sugerem a grandeza de sua coragem ao enfrentar a tudo e a todos, mesmo em um cenário que não é o seu habitat natural. Ele cria, em plena Lisboa, uma situação insustentável e, mesmo parado, ele, em sua pequenez de réptil, é capaz de empalidecer uma multidão, provocar gritos, de deixar as ruas desertas e o comércio com as portas fechadas. O personagem pode representar na narrativa uma expressão da força, da resistência e da delicadeza da natureza que surge e se transforma, mesmo em meio à frieza do concreto de uma grande cidade e ao caos da humanidade. O enredo saramagueano é ainda capaz de invocar no leitor uma reflexão sobre reações e aspectos instintuais do ser humano quando confrontado com o inesperado e até mesmo com os pequenos acontecimentos, incomuns de seu dia a dia.

Imagine-se, por um momento, o contraste entre duas imagens possíveis a partir de uma leitura inicial do texto: a primeira diz respeito à elaboração da ironia que é construída em torno do cenário real dessa cena, um réptil de dimensões tão pequenas, capaz de provocar tantas reações / pânico, ao interferir na rotina das pessoas. A segunda imagem apresenta ao leitor um animal fictício, uma espécie de monstro, que une real e imaginário, bem próximo daqueles animais fantásticos, comuns nas histórias de fadas e tão próximos do universo infantil. O lagarto, assim como outros animais encantados das histórias de fadas, dá o tom do enredo saramagueano e chama a atenção do leitor, despertando-lhe a curiosidade e o encantamento.

Segue a história e, então, numa espécie de fragmentação / pausa lírica da narrativa, eis que, entre tanto medo e fuga, surge diante do leitor, em um momento de “ápice”, a imagem de flores (violetas) rolando pelo chão e envolvendo o lagarto numa espécie de “grinalda de aromas”. Ao descrever essa cena, o narrador faz questão de esclarecer entre parênteses para o leitor que “era o tempo delas”, ou seja, era primavera em Portugal. Na sequência, em letras vermelhas, outro esclarecimento: “O animal não se mexeu. Agitava devagar a cauda e erguia a cabeça triangular. Farejando.” Ainda assim, o caos prossegue, e o medo da multidão se amplia. Para combater esse lagarto imóvel, até mesmo as forças armadas e uma esquadrilha de aviões foram chamadas. O lagarto, então, rompe a grinalda de violetas... Uma velha que gritava é levada em caráter de urgência para o hospital... E então o narrador, na página seguinte, anuncia bruscamente que “A história está quase a acabar.”

É chegado o momento da narrativa em que as fadas “intervêm”, mesmo que indiretamente, conforme esclarece o narrador. Assim, em meio a um ataque geral à figura do lagarto, através da intervenção das fadas, este se transforma em “uma flor rubra, cor de sangue, pouxada sobre o asfalto negro, como uma ferida na cidade.” Observe-se aqui a construção dessa imagem elaborada gradativamente a partir de contrastes e de uma comparação: a leveza da flor e o peso e a frieza do asfalto; a sua cor quente e forte, ela é “rubra, cor de sangue” e, ao

final, apresenta-se aos hesitantes e “desconfiados” “atacantes” do lagarto “como uma ferida”, exposta aos olhos de todos no meio da cidade.

Na página seguinte, a rosa cresce e abria suas pétalas, lavando de perfume “as fachadas encardidas dos prédios.” Aqui, talvez, o início de uma metáfora que fala ao leitor sobre uma possível mudança nascida da força do impacto daqueles acontecimentos. Esse momento da narrativa se apresenta ao leitor como aquele breve espaço de silêncio que acontece após o tumultuo da tempestade. Então, retomando a narrativa dos fatos, a rosa torna-se branca como branca é a paz a ser conquistada pelos homens e, a seguir, nova metamorfose, pois as pétalas dessa rosa branca agora se transformam em “penas e asas – e uma pomba levantou voo para o céu azul.” Essa pomba enfatiza figurativamente a ideia de paz, mas também sugere liberdade, espiritualidade.

Cabe lembrar que a metamorfose é um tema recorrente nas histórias de fadas. Ela faz parte do universo fantástico e também habita o imaginário popular. A(s) metamorfose(s) / transformações contada(s) em *O lagarto*, ao mesmo tempo em que podem ser lidas como reflexão, também podem ser entendidas como uma espécie de moral que se delinea nos momentos finais da história e que desafia os leitores, de qualquer faixa etária, a elaborar para si o sentido do que ali está posto.

Na sequência da narrativa, uma espécie de ritmo é estabelecido, a partir do qual, geralmente, cada página é iniciada com afirmativas diretas / fortes e encerrada, de forma que o leitor, além de perceber / sentir pequenas pausas no ritmo da história, também é provocado a seguir para saber o que vem na sequência. (Cabe ressaltar que esse aspecto da narrativa saramagueana é perceptível mais nitidamente a partir do projeto gráfico apresentado para a edição ilustrada, na qual, além da divisão / distribuição estratégica do texto ao longo das páginas, também se observa que a impressão de algumas frases em vermelho chama ainda mais a atenção do leitor; uma espécie de alerta / destaque para a importância daquele momento e daquelas palavras para a compreensão da história que está sendo contada).

É na sequência desse ritmo que o narrador, de repente, anuncia aos leitores que a sua história, por ser daquela forma, só poderia acabar “em verso”. O narrador transforma-se em poeta para, além de contar sobre, também cantar, em uma trova, aquele lagarto que surge no Chiado e que, agora, “Calados, muitos recordam”. Observe-se como o poeta recorre, mais uma vez, às raízes populares em sua história de fadas. Ele a inicia em prosa e com ditos populares e a encerra recorrendo a uma forma poética oriunda da antiga poesia popular. Uma história de fadas que também conta, metalinguisticamente, sobre a história desse gênero, uma vez que ela é encerrada de forma que é possível inferir, através da própria estrutura atribuída ao texto, que os primeiros contos de fadas foram escritos em versos e, ainda, que eles tiveram a sua origem no povo e também na arte de contar histórias.

Esse momento do texto saramagueano revela também ao leitor pelo menos três aspectos comuns à sua escrita: o seu compromisso com o passado / história da expressão literária, a união do erudito e do popular, mesmo que em uma narrativa tão curta, e um certo sentimento de saudosismo e de resistência, traduzido no texto através do ato de insistir em contar a sua história de fadas, mesmo diante do não acreditar de alguns, afinal, hoje, as fadas já não são nada perto do que foram. O passado, um tempo mais próximo do acreditar na magia das fadas?

As xilogravuras de J. Borges e a história de “Um lagarto maravilhoso”

Enquanto artista popular, J. Borges tem, em sua origem, as imagens por ele descritas. Nascido em Pernambuco, ele traz para suas histórias, contadas através de versos de cordel e de xilogravuras, temas e imagens que fazem parte do universo cultural e popular do Nordeste brasileiro. Mesmo tendo iniciado a sua carreira como cordelista, é pelas xilogravuras que J. Borges se destaca como artista popular. O seu desenho não se caracteriza por apresentar uma preocupação com perspectiva ou proporção. Como xilogravurista, apresenta uma técnica própria de colorir as imagens e, entre os principais temas de sua obra, estão as personagens fantásticas. Há, em sua vasta produção, várias xilogravuras dedicadas a criaturas monstruosas, seres híbridos, dragões, serpentes enormes, entre outros. Segundo Baneux (2005, p. 18), “A xilogravura seria o processo mais simples de reprodução de imagem. Sendo expressão acessível, com sua linguagem o público poderá guardar a lembrança de uma história que ele vai tornar sua.” E é através dessa técnica que o artista popular brasileiro J. Borges ilustra as palavras de Saramago e passa a contar também a sua história de fadas através de imagens, uma versão visual de *O lagarto*, já a partir da capa do livro.

A capa é o primeiro registro visual ao qual o leitor tem acesso em um livro, e a leitura deste pode ter o seu início já a partir da ilustração presente nela, “trata-se do peritexto mais exterior” (GENETTE, 2009, p. 21). Sobre a importância da capa, Linden (2018, p. 57) afirma que ela “constitui antes de mais nada um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto de leitura.” Em *O lagarto*, com uma ilustração estilo xilogravura, J. Borges apresenta para o leitor, já na capa do livro, na edição brasileira da Companhia das Letrinhas (Figura 1), uma espécie de síntese da história que será contada nas páginas a seguir.



Figura 1 – Capa do livro *O lagarto* – Edição brasileira
Fonte: Saramago (2016)

As cores fortes e contrastantes chamam a atenção do leitor. O lagarto do desenho de J. Borges não é verde como o descrevem as palavras de Saramago. Ele, na capa do livro, é preto, assim como as primeiras ilustrações do artista nas capas de seus folhetos de cordel, como a ampliar o aspecto assustador desse lagarto, assim como preto é o solo do asfalto sobre o qual se apresenta, contrastando com o branco do fundo do cenário, das estrelas e da lua que habitam o céu de um azul muito azul e amplo, que se estende para as duas guardas (2ª e 3ª capas) (Figura 2). A contracapa (ou quarta capa) traz as estrelas do céu, mas o fundo é verde como verde seria o habitat natural daquele lagarto. Na parte inferior dessa contracapa, aparecem lado a lado o lagarto e um carro. Uma possível referência à invasão humana ao espaço natural do réptil?

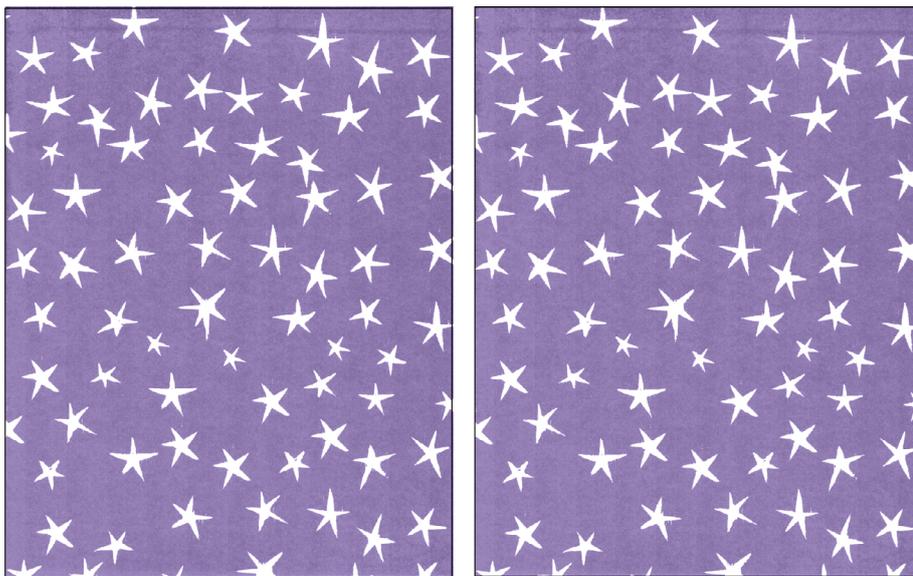


Figura 2 – Guardas (2ª e 3ª capas)

Fonte: Saramago (2016)

A apresentação do título da história na capa dá continuidade ao jogo com as cores fortes e ao conjunto de informações que orientam o leitor sobre o conteúdo do livro, os nomes de autor e ilustrador, a partir de uma harmonia entre cores e destaques dados a cada palavra, de forma que o leitor encontre, também através desses recursos, informações não somente sobre a história que será contada, mas também sobre por quem ela será contada.

Na contracapa, as imagens estão na cor preta como preta é tradicionalmente apresentada a xilogravura nos folhetos populares. Cabe observar que, também na narrativa visual de J. Borges, está a referência à cultura popular. O texto verbal estampado em letras brancas, na contracapa, foge da tradicional sinopse descritiva e se apresenta como uma provocação à curiosidade do leitor, em um estilo muito próximo daquele que antes era utilizado pelos poetas populares para despertar o interesse do público pela história do folheto que estava sendo vendido nas feiras. Um convite, um desafio que se dirige diretamente ao leitor.

Na folha de contraguarda, além do título e da indicação do autor e do ilustrador, nas mesmas cores da capa, e dos responsáveis pela edição, uma pequena ilustração com a figura de um pássaro vermelho se apresenta em posição que sugere sequência, seu voo sugere que o pássaro vai adentrar as páginas do livro, ou seja, vá também, leitor, e encontre a história contada ou, talvez, a sua própria história de fadas (Figura 3).

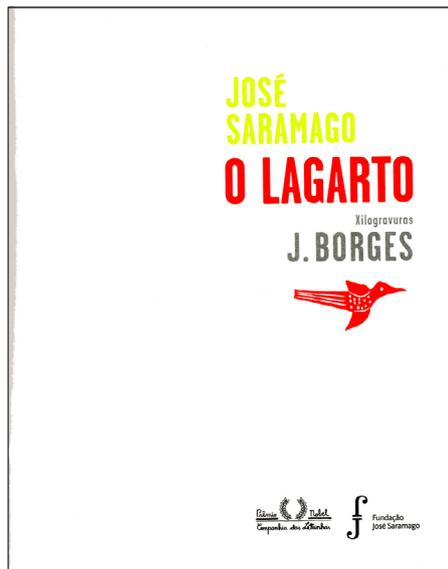


Figura 3 – Folha de contraguarda
 Fonte: Saramago (2016)

Na folha de rosto, o segundo encontro do leitor com a imagem do lagarto, um lagarto comum, na cor preta, estampado no canto direito da página e, no verso dessa página, eis o “lagarto maravilhoso”, ainda na cor preta (Figura 4). Ele ilustra / conta nessa página a apresentação do personagem que, no início da história, a todos assusta com sua aparição em meio às ruas da cidade de Lisboa. Uma espécie de criatura monstruosa, embaixo de um céu azul estrelado, ladeado por alguns prédios da cidade, coloridos de vermelho, como a chamar a atenção para o perigo que esse ambiente pode representar para aquela criatura, e de um verde cortado pelo concreto. Um contraste que conta ao leitor sobre a dualidade do ambiente e do momento vivido por esse animal entre dois mundos?

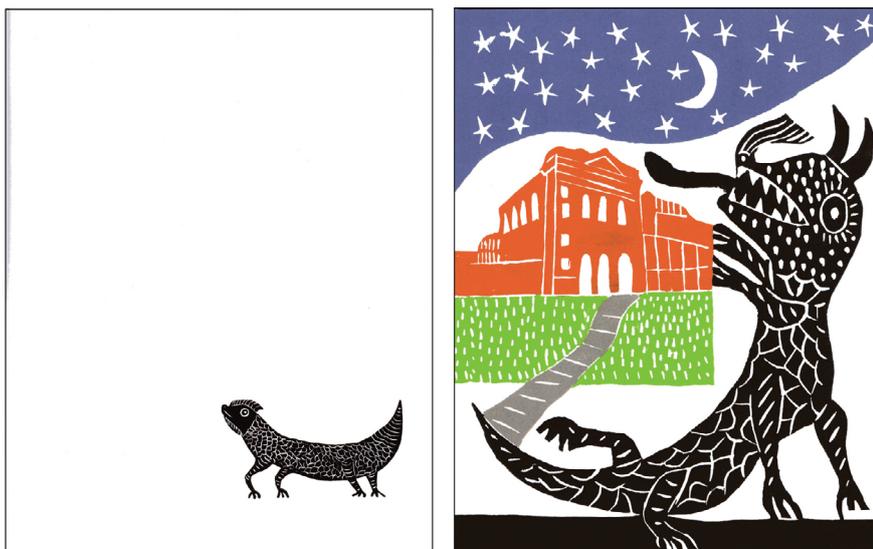


Figura 4 – Folha de rosto e página inicial
 Fonte: Saramago (2016)

Na ilustração seguinte, o lagarto muda de cor e de postura, ele é vermelho e está de pé, como a enfrentar a tudo e a todos. A imagem do lagarto está colorida de um vermelho escuro, uma cor que inquieta, que “incita a vigilância”; ele é “mistério” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. 944). Agora ele representa o perigo para aqueles que fogem assustados por entre os carros pelas ruas da cidade. A imagem de uma mulher correndo, vestida de um vermelho mais claro, representa aqueles que fogem assustados. O pânico da multidão é sintetizado em uma nova figura de mulher, também vestida de vermelho e com as mãos ao alto (Figura 5). Nas páginas seguintes, em uma imagem contínua, na qual está a imagem de uma criatura monstruosa, um ser híbrido, com corpo de dragão e cabeça humana. Essa figura, comum entre as criaturas criadas por J. Borges, representa, na narrativa verbovisual, o pânico hiperbólico da multidão diante de uma criatura capaz de provocar um reação tão desmedida, que somente se explicaria pela aparição de um monstro com aquela aparência.



Figura 5 – Páginas ilustradas de *O lagarto*
Fonte: Saramago (2016)

A ilustração dos exageros da multidão é sequenciada em outras páginas contínuas de imagens. Inicialmente, a multidão raivosa ataca o lagarto apresentado em proporções bem menores e rodeado de flores. Essa multidão se mostra guiada por um pássaro preto, uma espécie de mau presságio, de anúncio de parte do desfecho da história? As flores são brancas e, ao lado de uma árvore, está o lagarto, entre uma cesta de flores, uma mulher e novas flores, agora vermelhas como vermelho é o vestido da mulher que foge. As imagens da multidão e das armas são carregadas de negro, assim como a imagem do diminuto lagarto. Possível alusão a negritude / insanidade das ações / reações humanas diante daquilo que não se compreende? Uma pausa, o lagarto, estampado na cor vermelha, aparece imóvel entre árvores. Um momento de reação do lagarto revestido pela força de sua natureza? (Figura 6).



Figura 6 – Páginas ilustradas de *O lagarto*

Fonte: Saramago (2016)

Em outro momento, a imagem do lagarto, novamente em vermelho escuro, agiganta-se diante de seus agressores, agora armados militarmente (Figura 7). Até mesmo uma esquadrilha e carros de combate passam a compor as páginas que se seguem e que ilustram o caos daquele momento da narrativa, no qual, sob um céu estrelado e muito azul, alguém é carregado enquanto o lagarto / dragão encena fugir dos aviões e de um carro de combate. Observe-se como, nesses momentos da narrativa, acontecem duas mudanças referentes à cor do lagarto: o vermelho muda de tom, do escuro ao vermelho vivo, como sugestão de força e resistência. Na ilustração seguinte, esse personagem se apresenta em dimensões menores e na cor preta (Figura 8). Um anúncio do sucumbir à violência dos homens? Ao lado, uma árvore solitária e muito verde, como em quase todas as páginas da história, a tudo testemunha...



Figura 7 – Páginas ilustradas de *O lagarto*

Fonte: Saramago (2016)



Figura 8 – Páginas ilustradas de *O lagarto*
 Fonte: Saramago (2016)

E, então, eis que surge a fada diante do lagarto, vestida de amarelo, uma sugestão de luz, que está acompanhada por um pássaro vermelho para cumprir o seu papel mágico na história, intervir nesse cenário caótico criado pelos homens e, num passe de magia, transformar o lagarto em flor e, a seguir, em pomba livre, o grotesco em algo sublime, o caos em calma, o que era escuro e feio, em cores e beleza, e o que era prosa na poesia que une o ser humano, a natureza e a magia das fadas (Figura 9 e 10). Nessa sequência, a penúltima imagem de J. Borges, que encerra as páginas dessa história de fadas, é uma flor pequenina e vermelha que está estampada acima do Colofão do livro, mais um brinde, uma pequena gentileza dedicada ao leitor de sua história / ilustração que fecha o livro com a oferta desta rosa e apreciando o céu estrelado da guarda (3ª capa) (Figura 11).



Figura 9 – Páginas ilustradas de *O lagarto*
 Fonte: Saramago (2016)

Figura 10 – Páginas ilustradas de *O lagarto*

Fonte: Saramago (2016)



Figura 11 – Colofão e Guarda (3ª capa)

Fonte: Saramago (2016)

Observe-se ainda que, entre as muitas imagens elaboradas por J. Borges em sua narrativa verbovisual, chama a atenção do leitor mais atento aquela do pássaro que, em seu voo, atravessa os principais momentos da história, mudando sua cor e o sentido de sua presença nas páginas em que aparece, desde a capa, a folha de contraguarda até o desfecho da narrativa, quando é transformado por uma fada em uma pomba. Esse pássaro está presente nos principais momentos história; ele, estampado em vermelho vivo, “incita a ação” do leitor, é o convite para adentrar no mundo das histórias de fadas; ele, preto e à frente dos homens em posição de ataque e ao lado da rosa e do lagarto em transformação, é o prenúncio de um estado de morte e, ao final da narrativa, agiganta-se em sua dimensão e cor e assume ares de síntese de uma metamorfose que se traduz na força da vida, da mudança, da magia e da poesia contida nas imagens.

Cabe destacar ainda que, ao contar a sua versão da história desse lagarto, J. Borges conta não somente uma história de fadas, mas utiliza-se de suas imagens e de suas cores para falar aos leitores também sobre a natureza, sobre o ser humano e suas reações diante do inesperado e também sobre a magia das fadas e da transformação, uma vez que, mesmo em tempos difíceis, de pouca crença na magia e nas fadas, existe beleza e é possível sonhar.

Algumas considerações finais

Assim como a maioria das histórias de fadas, a história de Saramago também não foi, em sua origem, escrita de forma direcionada para o público infantil e também dá continuidade à ideia de que essa forma narrativa apresenta um caráter de universalidade e se destina a todos os tipos de leitores, independente de sua faixa etária.

Partindo dessa ideia, as imagens sugeridas pelas palavras de Saramago, ao longo da narrativa, possibilitam interrogações acerca de qual é o sentimento de “intranquilidade”, qual é o jogo proposto pelo autor aos seus leitores nesse contexto? Qual das imagens construídas para o lagarto, enquanto personagem, predomina de fato na história de Saramago, aquela que fala sobre a condição humana e suas fraquezas ou aquela que conta sobre um animal fantástico que, como muitos outros animais personagens de outras histórias, ao final, foi agraciado pelas fadas, sendo metamorfoseado / transformado em uma pomba branca para que voasse rumo ao céu azul? O texto traduziria, assim como algumas histórias de fadas, também uma moral?

Enquanto livro com ilustrações, no qual prevalece o registro verbal, o texto de Saramago independe das imagens de J. Borges para a construção de seus sentidos e significações junto ao público leitor, entretanto as imagens de J. Borges também desempenham seu papel na construção desse texto republicado. Elas assumem, no texto, uma função descritiva (no detalhamento de cenários, objetos, personagens e assim por diante.); narrativa (conta uma história); expressiva (expressa emoções através da postura, gestos e expressões faciais das personagens e dos próprios elementos plásticos, como linha cor, espaço, luz, etc.) e estética (chama a atenção para a maneira como foi realizada, para a linguagem visual) (CAMARGO, 1995, p. 35-37). Estas funções se entrecruzam no texto de forma que não somente propõem “uma visualidade nova ao que está sendo dito com palavras” (RAMOS, 2011, p. 146), mas também elaboram uma história paralela através de imagens que estimulam a fantasia e propiciam aos leitores a construção de diferentes leituras e sentidos para essa história.

A ilustração de J. Borges, assim como as palavras de Saramago, também se volta para a cultura e para o imaginário popular. Ela é uma síntese da tradição das primeiras e artesanais xilogravuras carregadas de negro e da inovação do acréscimo do tom das cores a essas imagens criadas pelo ilustrador, não somente como um traço de sua obra, mas também para dar cor e sentido à história que reconta através da ilustração do texto, colocando-se diante dos leitores como uma espécie de “autor secundário” da obra duplamente lida, ou seja, a partir ilustração de J. Borges, surge um novo texto, que tem como referência as palavras de Saramago, das quais o ilustrador se apropria para elaborar um novo objeto artístico.

Republicada em um suporte com tantos atrativos, a obra *O lagarto*, certamente, é capaz de chamar a atenção de um público amplo, inclusive o público infantil. A relação palavra-imagem, na narrativa, desperta e convida o leitor não somente à reflexão, mas também ao mundo da fantasia, ao mundo das fadas. A imagem tanto dialoga com a palavra, como também fala por si só e vice-versa. No ato da leitura, quer da palavra, quer da imagem, ou ainda da palavra-imagem, os sentidos se complementam e se ampliam, de forma que realidade e imaginação se encontram, numa espécie de intersecção que reflete traços comuns à escrita de Saramago e às imagens de J. Borges.

Eis o que me contaram as palavras de Saramago e as xilogravuras de J. Borges sobre “Um lagarto maravilhoso”, nessa “história de fadas”.

REFERÊNCIAS

- BANEUX, P. *L'Homme qui racontait des histoires: gravures du sertão brésilien*. Paris: Editions Alternatives, 2005.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José. Olympio, 1998.
- CLARK, J. J. *Em Busca de Jung*. São Paulo: Ediouro, 1993.
- ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- LINDEN, S. V. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.
- MENDES, J. M. José Saramago: os livros do nosso desassossego. *Revista Camões*, Lisboa, n. 2, 1998. <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no02-ibero-americanas.html>. Acesso em: 12/09/2022.
- NICOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- POWERS, A. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- RAMOS, G. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- SCHNETZER, A. G. Saramaguiana: um texto só sobrevive quando muda. Entrevista concedida por Alejandro García Schnetzer. *Blimunda*, v. 51, p. 71-78, 2016.